



EDITORIAL

Genaro Camboim Lopes de Andrade Lula*

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

DOI: 10.29327/256659.15.2-15

Esta edição da *Plura* faz jus mais uma vez ao nome da revista. A pluralidade se faz presente tanto no amplo espectro de temas abordados, quanto na constatação da heterogênea formação dos autores dos textos. Se para outras áreas de conhecimento as tensões entre a ortodoxia e a heteroglossalia é um dentre outros problemas epistemológicos, para a(s) ciência(s) da religião(ões), este desafio é crucial e está na identidade tanto da disciplina quanto dos seus objetos de estudo. Desafio que só aumenta a destreza e manejo dos organizadores da *Plura* em articular temas, autores, múltiplos olhares e metodologias em cada número, em cada volume entregue ao leitor.

E para iniciarmos com pé direito a leitura, a qualidade da revista é exposta pelo cartão de visita que é a entrevista com Reginaldo Prandi feita pela habilidade dos entrevistadores, Fernando Augusto de Souza Guimarães, Bryan Henrique Pinto, Fernanda Cristina Miranda todos do Núcleo de Estudos de Religião, Economia e Política (NEREP) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). O entrevistado, Reginaldo Prandi, professor titular aposentado sênior da Universidade de São Paulo (USP), cientista social, com notáveis contribuições para pesquisas na sociologia e antropologia da religião brasileira, em destaque especial, o Candomblé. Imagina-se o leitor sentado naquela tarde em Vila Mariana na residência de Reginaldo Prandi, ouvindo suas histórias que mesclam curiosidades da biografia com informações preciosas sobre por exemplo como era a formação das primeiras turmas de cientistas sociais em São Paulo: “um conjunto de disciplinas optativas de matemática, estatística e processamento de dados aplicado às ciências sociais. E a gente aprendeu a mexer nos primeiros programas de computador, nos anos 1960-1970”, relembra Prandi.

* Professor Titular da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, com doutorado em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: genarocamboim@uern.br

A comunicação com os computadores era através de cartões perfurados, ironiza. Fica-se sabendo o leitor desde o estágio (já fazendo pesquisa) no Cebrap, o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento e o direcionamento da sua carreira para estudos sobre o lugar da religião na sociedade brasileira ainda no mestrado e sobre as influências e parceria com Procópio Camargo e do orientando e amigo, Flávio Pierucci. Imperdível a leitura desta entrevista em que o leitor é enredado por uma conversa que costura política, ciências sociais, memória e religião, dentre outros assuntos.

Não dá tempo nem de o leitor desavisado recuperar o fôlego da entrevista, pois as páginas seguintes são reservadas aos dez artigos da revista. Inicialmente estão aqueles que abordam a relação com Educação. O primeiro deles intitulado “Concepções de espiritualidade na educação de jovens e adolescentes: uma revisão integrativa da literatura”, dos autores Patrick Vieira Ferreira e Vera Maria Nigro de Souza Placco, versa sobre a discussão dos sentidos encontrados no uso do conceito de espiritualidade a partir de uma exaustiva pesquisa bibliográfica das mais diversas teses e dissertações presentes em catálogos da CAPES e do *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). O recorte periódico estabelecido foi entre os anos de 2004 a 2018.

A análise das teses e dissertações pelos autores sinaliza considerações relevantes para o debate sobre a distinção dos sentidos empregados nas categorias “espiritualidade” e “religiosidade” nas produções acadêmicas brasileiras. É com este argumento que os autores apostam que a pesquisa possa contribuir para a elaboração de políticas públicas que envolvam jovens e adolescentes.

O texto “Ensino religioso confessional e escola pública: a igreja católica contra-ataca” os autores, Péricles Moraes de Andrade Júnior, Emerson Sena e Péricles Andrade nos mostra como a Igreja Católica orientou através da CNBB aquilo que entende por modelo confessional e não-confessional de ensino religioso. Em publicação institucional, a CNBB defende a oferta do ensino religioso confessional nas escolas públicas a partir de uma releitura do que assegura ser um “reconhecimento constitucional” e que seguiria princípios de laicidade ainda que respeitando as crenças dos alunos. Os autores apontam que a Igreja Católica reinterpreta neste documento uma concepção de laicidade flexível fazendo com que esta pública seja vista como mais “um capítulo na longa e sinuosa relação entre a Igreja e Estado”.

Ainda de acordo com os autores, as demais confissões não teriam o mesmo poder de influência e pressão. Ao tentar salvaguardar essa capacidade de agência no domínio público, ao menos no campo educacional, a Igreja Católica desvincula-se do modelo não-confessional, proposto na Base Nacional Comum Curricular - BNCC, colocando-se como um poderoso adversário.

O assunto da formação de professor é igualmente um dos assuntos trazidos pelo artigo “Lazer e educação na formação de professores de Ciências da religião: ressignificando a intolerância Religiosa” dos autores: Cinthia Lopes da Silva, Lilia Aparecida Kanan, Jakobson Bill Ribeiro Silva Castro. O texto tem como objetivo analisar uma experiência pedagógica na formação de professores de Ciências da Religião em que foram utilizados elementos do lazer em experiências pedagógicas que seriam úteis para a educação inclusiva e o ensino religioso no combate à intolerância religiosa nas escolas. Uma destas experiências pedagógicas, analisada no artigo, culminou na “Feira das Religiões” na Universidade do Planalto Catarinense, no município de Lages. O evento fez parte de uma disciplina no curso para formação de professores de Ciências da Religião com a parceria de duas universidades comunitárias do sul do Brasil e com a participação de 18 graduandos.

O tema do lazer está presente na discussão do artigo “Religiosidade e restrição ao lazer” dos autores: Rubian Diego Andrade, Gisele Maria Schwartz, Érico Pereira Gomes Felden. Trata-se de uma pesquisa quantitativa cujo objetivo é analisar as possíveis associações entre percepção da religião como aspecto restritivo no envolvimento ao lazer. A pesquisa envolveu 992 trabalhadores industriários da região metropolitana de Florianópolis. A pesquisa constatou uma significativa relevância para restrição do lazer em um número expressivo percentual de trabalhadores, o que indica a necessidade de mais pesquisas que envolva a relação entre os dois campos, isto é, o lazer e religiosidade.

Educação também é um dos temas importantes, desta vez, abordado de forma peculiar pois analisado a partir de observações da presença do elemento religioso na formação de estudantes de graduação. No artigo “Valores e princípios religiosos de estudantes de Serviço Social da Universidade Federal de Integração Latino-Americana / UNILA”, as autoras Patrícia Vicente Dutra e Cláudia Neves da Silva perguntam de que maneira princípios e valores religiosos induzem ou determinam a leitura de realidade de estudantes de Serviço Social da Universidade Federal de Integração Latino-Americana (UNILA).

Apoiadas em uma revisão bibliográfica que aponta que, frequentemente, os profissionais de serviço social se apoiam em seus valores religiosos no exercício profissional, isto é, acionando tais valores e convicções religiosas mesclando aos instrumentos técnicos e ao conhecimento adquirido na formação profissional, as autoras redirecionaram o foco para em que medida tal aspecto já está presente desde a formação na graduação. Um dos resultados interessantes da pesquisa é aquele que aponta haver uma diminuição da influência dos valores religiosos entre os/as estudantes à medida que avançam na formação profissional.

Um outro artigo que de alguma forma está imbricado na temática guarda-chuva da educação é o de Lidia Mejia e Vera Margarida Lessa Catalão: “Mulheres do bem dizer e do bem viver”, que apresenta duas benzedeadas que fazem parte da Escola de Almas Benzedeadas de Brasília. A escola núcleo de disseminação dos saberes tradicionais das mulheres aqui entrevistadas. A pesquisa busca compreender a trajetória formativa das mulheres benzedeadas em seminários e oficinas a partir da categoria “pedagogia corpo-territorial”.

A Escola de Almas Benzedeadas de Brasília não é lida propriamente como um lugar físico, mas como um processo pedagógico que se insere-se num movimento que leva o ato de benzer às unidades de saúde do Distrito Federal desde 2017 e, respaldado pelas Práticas Integrativas de Saúde (PICs), do Sistema Público de Saúde (SUS). Seguindo os passos de duas benzedeadas aos parques urbanos da cidade e em projetos como o Conexão Verde - Plantas Medicinais e Saberes Tradicionais do Instituto Brasília Ambiental (IBRAM). As autoras percebem que a trajetória formativa das mulheres benzedeadas nos dias de hoje configura-se como uma ruptura do processo de transmissão de conhecimentos geracionais de outrora.

Os diálogos praticados na Escola de Almas Benzedeadas de Brasília com benzedeadas, raizeiras e outros grupos de saberes tradicionais convergem numa perspectiva mais ampla de trocas, naquilo que as autoras chamam de uma verdadeira “ecologia dos saberes”. É desta forma que as narrativas sobre a trajetória formativa de Maria Bezerra e Ana Clara instigam uma ampliação das práticas pedagógicas em espaços não escolares, o que contribui para um alargamento da concepção de educação ambiental.

O universo dos rezadores é também alvo de discussão do artigo “A mística simbólica da cultura religiosa: Vozes, vivências e sensibilidades de rezadores” de Robson Lima de Ar-

ruda. Com um trabalho de campo realizado nos municípios de Vertente do Lério, no Estado de Pernambuco, e Santa Cecília, na Paraíba, o artigo apresenta a articulação entre as narrativas de duas senhoras e um rezador que exercem a prática de benzeduras. O texto enfatiza com excelência a importância metodológica no trabalho de campo da dimensão dos sentidos tão caras para o rezador quanto para o pesquisador em trabalho de campo.

Em uma outra direção metodológica se encontra a pesquisa que fundamenta o texto “*Chakras e centros de força: uma análise comparativa sobre as pulsões espirituais do ser humano no hinduísmo e no espiritismo*” de Luciana Cangussu Prates e Marina Dias Lopes Paiva, que discorre sobre um estudo comparativo entre a concepção espírita kardecista dos centros de força e a concepção hindu sobre os *chakras*. A elaboração de um quadro comparativo pretende demonstrar aproximações e distanciamentos entre os *chakras* no Hinduísmo e os centros de força no Espiritismo., e traz elementos fundamentais para o debate das religiões comparadas no campo das Ciências da Religião. Se em uma dimensão, os *chakras* hindus e os centros de força espíritas convergem no que diz respeito a certas características como a definição e alguns aspectos funcionais e disposição no corpo; em outra, divergem em aspectos como a própria história e a interseção com algumas práticas e suas funções (a exemplo de algumas práticas da ioga como o levantamento da *kundalini*, que visa “despertar” os *chakras*) e a proposta do Espiritismo com ênfase na integração da saúde (mente, corpo, espírito), condição para a “evolução da alma” em sua trajetória reencarnacionista.

No artigo “Espaço fúnebre e mítico: os cemitérios enquanto lugares de manifestações sagradas”, de Bruna Cordeiro Saldanha, a proposta consiste em analisar o cemitério como local de manifestação sagrada. A autora parte dos simbolismos existentes nas lápides e nas expressões humanas sobre a morte e, com isso, analisa as expressões culturais fúnebres. Trata-se de compreender como as pessoas se expressam por meio de diferentes condições para demonstrarem os sentimentos sobre a morte. O trabalho de campo foi realizado em três cemitérios na cidade Serrolândia (BA), sendo dois públicos, municipais e um privado, protestante. As análises também contaram, além do trabalho de campo, com análises de fotografias.

No artigo “Do reducionismo de Hegel sobre as religiões de matriz africana nas preleções sobre filosofia da religião de 1827 à amplitude do candomblé: possibilidades de diálogo

go”, o autor Fabiano Veliq se debruça na obra do filósofo F. Hegel para esmiuçar a tipologia das religiões do filósofo alemão do século XIX. São algumas das expressões revisitadas, isto é, “religião natural”, “religião da arte” e “religião revelada”, para em seguida se deter nas preleções sobre a filosofia da religião, como Hegel trata a religião africana.

Para o autor, a visão que Hegel tem da religião africana faz parte do contexto do século XIX ao qual pertence, e, com isso, demonstra um grande desconhecimento das diversas construções religiosas presente no continente africano ao considerá-las, por exemplo, como se fossem apenas uma imputando-lhes a égide de “religião mágica”. O autor ressalta que por Hegel não conhecer de perto qualquer vivência das religiões de matriz africana faz com que os relatos aos quais ele tem acesso se deem apenas por meio de livros escritos por exploradores do continente africano. Tal falta justifica o discurso eurocêntrico do filósofo ao afirmar ser a Europa como a única capaz de oferecer uma bússola religiosa e o cristianismo como a religião padrão do mundo.

A relação entre o cristianismo, mais precisamente o pentecostalismo é, por sinal, é o foco da atenção de Vanderlei Dorneles no artigo “Eu e o mundo somos um”: a visão pentecostal sobre Deus, o humano e o mundo”. Em uma pesquisa bibliográfica, o autor se debruça sobre as divergências entre as teologias que denomina de trinitariana e a unicista, panenteísta e monista sobre a compreensão do conceito pentecostal de Deus. A hipótese do autor é que a concepção de “espírito santo” direciona o pentecostalismo para uma nova perspectiva sobre a natureza e a função de Deus no mundo e na relação com a humanidade. Segundo o autor, os teólogos pentecostais inovaram ao afirmar que “espírito santo” opera em todas as “religiões da humanidade” e, com isso, permitiu o desenvolvimento de “uma teologia pneumatológica das religiões”, o que na prática um diálogo interreligioso menos restrito a um ecumenismo cristão.

Isto se deu a partir de um contato dos missionários pentecostais ao longo das décadas com outras religiões, o que permitiu diagnosticar que a crença da manifestação dos espíritos deparadas fossem interpretadas como diferentes manifestações do único e mesmo Espírito das religiões bíblicas. Desta forma, Deus se revela em diferentes em diversas religiões do mundo tal qual o faz em eventos e nomes bíblicos. Com isso, haveria no pentecostalismo e as religiões tradicionais africanas uma continuidade que culmina numa visão holística do universo, abrindo conexões entre os mundos espiritual e material nas mais

diversas tradições religiosas. É justamente esta concepção sobre uma presença universal do “espírito santo” que evidencia uma visão monista por parte de uma corrente da teologia pentecostal. Esta perspectiva pneumatológica, isto é, a ênfase na presença do “espírito santo” em todos os lugares que, segundo o autor, aproxima o pentecostalismo da visão africana acerca do mundo espiritual.

O artigo “Educação para a pesquisa: intercristica entre mito e ciência” encerra a seção de temática livre da revista. O texto é realça a necessidade de aguçar a emergência do atributo de pesquisador no discípulo, que se constitui num dos maiores desafios do mestre, pois o ato de pesquisar diz respeito à ânsia humana de lançar-se às surpresas do mundo, captá-las e ordená-las, transitando pela poesia, pela arte, pelos mitos e pela racionalidade instrumental.

A revista reserva ao leitor ainda duas resenhas sobre a edição de dois livros interessantes para a nossa área de conhecimento. A primeira apresenta o livro *Identidade da ciência da religião* produzido pelo professor Frank Usarski, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e lançado em 2023. Trata-se de um ensaio que discute o problema da delimitação epistemológica da ciência da religião. Composto por quatro artigos e um apêndice, a resenha nos mostra como o livro é um convite para os pesquisadores que se interessam pelos fundamentos epistemológicos da Ciência da Religião e a questão do problema das fronteiras com outras áreas, em específico com a teologia. A segunda resenha escrita por Adriano Magalhães Tenório da Universidade Federal do Maranhão – UFMA sobre o livro “Umbandas: uma história do Brasil”, publicado em 2021 pela editora Civilização Brasileira em 2021. Escrito pelo historiador Luiz Antônio Simas, aborda a questão das múltiplas expressões das religiosidades afro-brasileiras denominadas de Umbanda nas regiões Sudeste, Nordeste e na Amazônia. A resenha também apresenta uma breve biografia do autor e faz um convite para acessar suas entrevistas nas redes sociais e no Youtube.

Desejo uma ótima leitura.